

Fim do Mundo / Reiniciar

Rosa Maria Martelo

Universidade do Porto – Instituto de Literatura Comparada

Resumo: O que queremos dizer com a expressão *fim do mundo*? Quando a usamos, é mesmo de fim que estamos a falar? Ou, muito pelo contrário, usamo-la sobretudo para exprimir o desejo de um recomeço? – A narrativa literária, a poesia e o cinema podem ajudar-nos a encontrar a resposta.

Palavras-chave: fim do mundo, recomeço, contemporaneidade

Abstract: What do we mean with the expression *end of the world*? Does it emphasize the idea of an ending, or does it mostly convey the suggestion of a restart? – Literary narrative, poetry and cinema may help us in finding the answer.

Keywords: end of the world; restart; contemporaneity

É só isto, desculpa levar tanto tempo a dizer o que está à vista de qualquer pessoa com olhos e olfacto, e dedos. É que do Fim do Mundo vem um apelo ao juvenescimento.

Nuno Bragança

As pequenas frases em epígrafe provêm de uma extraordinária novela de Nuno Bragança intitulada *Do Fim do Mundo*, vinda a público postumamente, em 1990. Quem as pronuncia é um jovem de menos de vinte anos, Luciano, em conversa com a encantadora

Vera, que acaba de saber que o marido quer divorciar-se. Perturbada com a situação, que nada faria prever, Vera pergunta a Luciano se está a ficar velha. O rapaz é visita frequente do casal, e percebemos, logo nas primeiras páginas, o fascínio que esta mulher mais velha exerce sobre ele: “‘Vou-me lembrar de ti exactamente como estás agora’, disse o rapaz. ‘Até ao fim do mundo, exactamente como estás agora’, disse ele sem a mais pequena hesitação” (Bragança 1990: 13). As afirmações que destaquei na epígrafe surgem já quase no final da narrativa, quando aquele que parecia ser um casal perfeito se defronta, afinal, com a separação. Vera não compreende os motivos que levaram o marido a decidir tal desenlace, e é então que, para lhe responder, Luciano defende toda uma teoria segundo a qual “há pessoas com raízes fundas e pessoas sem raízes fundas”: “Exactamente como as plantas, sabes? Há árvores e arbustos, eis tudo” (*idem*: 75). Com esta imagem, Luciano pretende explicar que enquanto Vera é uma pessoa-árvore e anda para frente no tempo ficando mais nova à medida que este vai passando, Túlio, o marido, seria uma pessoa-arbusto, a caminhar para trás, ou seja, apenas a envelhecer:

Isso acontece porque só as pessoas-árvore chegam com as raízes à raiz do Homem, e a raiz do Homem é a História, e quantos mais anos passam numa pessoa que tem a raiz na História mais essa pessoa está longe da Antiguidade. (...)

[A]s pessoas-arbusto são a morte em pé e as pessoas-árvore como tu são a vida a subir do centro da Terra para o centro do Céu. As pessoas-árvore como tu vêm verdadeiramente do ventre da Terra e trazem colado às tripas tudo o que de grandemente medonho e aparentemente louco tem sido a vida no planeta em cima do qual te estou falando. Esta categoria de pessoas, à medida que vive, vai rejuvenescendo porque existe para dar sinal de que o mundo será salvo por quem vai de velho para novo. (*idem*: 76-77)

É depois de exposta esta teoria que surge a síntese que citei logo na epígrafe, e que liga o fim ao início num constante recomeço: seria o apelo do fim do mundo a rejuvenescer-nos, a conduzir à mudança, à transformação que traz o novo, e esta ideia interessa-me porque, ao tentar reflectir sobre o que poderá significar o fim do mundo, ou *um fim do mundo*, ou *o fim de um mundo*, a primeira coisa que me surge como evidente é a ligação entre todos estes fins e uma ideia de recomeço. Não creio sequer que consiga conceber o fim do mundo sem logo lhe juntar a possibilidade de outro mundo a começar, ainda que não

saiba qual possa ser: “There is no end, but addition”, escreveu T. S. Eliot, em “The Dry Salvages”, de *Four Quartets* (2004: 60). Com alguma ironia, e neste mesmo sentido, Adília Lopes escreveu *Continuação do Fim do Mundo*, um longo poema narrativo que retoma o fio da história de Nuno Bragança no ponto em que esta ficara, para nos contar a vida de Túlio depois da separação e do subsequente casamento com uma outra mulher que ele começara por ver tricotar no comboio e cuja serenidade tanto o fascinara. Deste modo, tudo recomeça, terminando Adília Lopes o seu texto com uma recusa da morte “em cada instante/ deste mundo/ e do outro” (2014: 276).

Ligando as duas histórias, e passando, portanto, da prosa à poesia, parece sintomático que uma delas corra para o Fim do Mundo e outra comece precisamente a partir desse ponto, acontecendo, como muito bem diz Adília Lopes, na “continuação”. É verdade que se *vai para* o fim do mundo – como assegura o túmulo de D. Pedro I, seguindo a tradição apocalíptica cristã, na legenda “A:E:AFIM: DOMUNDO”, que uns lêem como “Até ao fim do mundo” e outros entendem como “Aqui espero o fim do mundo” –; mas também se pode *vir do* fim do mundo. Em 1945, Carlos de Oliveira escreveu num jornal de Coimbra uma espécie de programa de escrita para a sua geração. A dado passo, afirmava:

A nós, que viemos afinal do fim do mundo, marcados com todos os estigmas da derrocada, penoso nos foi convencer-mo-nos de que éramos, acima de tudo, homens; e artistas, apenas porque podíamos, sendo-o, escrever os versos do futuro sobre as ruínas e a poeira. (1945: 2)

A 19 de Maio de 1945, isto é, pouco mais de duas semanas depois do suicídio de Hitler, e quando a vitória dos aliados na frente ocidental já estava assegurada, Carlos de Oliveira apresentava-se como alguém a escrever depois do fim do mundo. Na frase acima transcrita, parece especialmente significativo o uso da palavra *afinal*, que traduz a revelação (o apocalipse, se quisermos): porque, como bem sabemos – e isso é muito assustador – podemos estar já no fim do mundo (ou no fim *de um* mundo) sem nos darmos conta. As palavras do escritor, ainda muito jovem, não escondem as dificuldades perante a dimensão do horror que então se ia revelando em toda a amplitude, um horror que fora muitas vezes objecto de denegação, mesmo por parte daqueles que o tinham diante dos olhos.

Em termos retrospectivos, podemos chamar *fim do mundo* à alteração substancial de um determinado estado de coisas ou relação de forças: se foi o fim do mundo, alguma coisa mudou drasticamente, ou vai mudar; e por certo terá havido confronto, ou mesmo confrontação, ruptura, porque do que se interrompe sem tensão alguma não diremos que “foi o fim do mundo”; diremos apenas que foi “o fim”: porque acabou, justamente. Já “o fim do mundo” não acaba com coisa nenhuma. Produz um interregno, uma suspensão, um hiato; muda significativamente; mas o mundo deverá continuar a acabar dentro de momentos... Como neste poema de Manuel de Freitas, autor em cuja poesia a expressão “fim do mundo” ocorre bastantes vezes, normalmente para traduzir uma experiência pessoal, exclusiva, de perda ou descalabro:

Há um pai que não encontra
a bota, o primeiro indício
do desespero (outros, tantos
mais, virão) – enquanto as levadas
correm, correm para a paisagem
subitamente extinta e um pé,
descalço, repousa nos rochedos.

Tinhas três anos, na Calheta.
Começava, só para ti, o fim do mundo. (2004: 9)

Por outro lado, em certas circunstâncias, já não retrospectivas mas prospectivas, a expressão fim do mundo pode, ao invés, garantir a permanência e funcionar como sinónimo de *para sempre*: lembrar-se de alguém até ao fim do mundo, como assevera o rapaz da novela de Nuno Bragança, significa lembrar sempre, ou para sempre. Por sua vez, Vera dirá de Luciano: “Não quero mais ver esse tipo até ao fim do mundo” (1990: 84). Ou seja, nunca mais.

O fim do mundo também é um lugar, um lugar último, extremo: “Na gândara há aldeolas ermas, esquecidas entre pinhais, no fim no mundo” – assim começa o romance *Casa na Duna*, de Carlos de Oliveira (2004: 7). E Manuel de Freitas, a quem uma paisagem açoriana faz lembrar a Madeira das férias da infância, dirá, comparando as duas ilhas: “Também ali a beleza era feroz, e perdurava a serena consciência de se estar no fim do

mundo – ou, pelo menos, longe dele” (2012: 50). De certa maneira opostas, já que uma tem um sentido positivo e outra negativo, as duas proposições têm em comum a atribuição à expressão “fim do mundo” de um sentido topográfico, espacial.

A questão que me interessa é portanto esta: aquilo a que chamamos fim do mundo parece ser um lugar fora do lugar, ou um tempo fora dos eixos. Na tradição bíblica, o apocalipse é simultaneamente um desenlace (o fim dos tempos) e uma revelação, ou seja, um modo de ligar a afirmação do fim de um estado de coisas a uma ideia de recomeço de outro estado de coisas. E no discurso contemporâneo, quando falamos do fim do mundo, também passamos perto deste duplo sentido, pois o que pretendemos sugerir é muito mais da ordem do intervalo, da interrupção, do que do fim. No *fim do mundo*, o que interessa é o depois, a revelação do que virá depois. Usando a linguagem informática, poderia dizer-se que o fim do mundo se tem resolvido sempre com um “reset”, um reiniciar; é uma suspensão – desejada precisamente por poder desencadear esse “reset”. Como resume Jacques Derrida em *Mémoires d’Aveugle*, o apocalipse é, sempre, simultaneamente revelação e catástrofe; mostra o que já estava “lá” e aponta o acontecer de um cataclismo; junta, portanto, ordem e ruína: “Une œuvre est à la fois l’ordre et sa ruine”, escreve Derrida (1990: 123), sugerindo que a arte é sempre apocalíptica. Porque interrompe, suspende, começa a partir dessa suspensão.

*

Todos os criadores de monstros (e de criador de monstros todos temos um pouco, provavelmente) anseiam pelo apocalipse, quer dizer, por um desenlace que os liberte das suas descontroladas criaturas; para que tudo possa de algum modo voltar a entrar nos eixos. É nesse sentido que entendo a asserção que citei em epígrafe: “É que do Fim do Mundo vem um apelo ao juvenescimento”. Se muito nos embrenhamos em sucessivos fins do mundo é porque desejamos ardentemente um recomeço cujo arranque parece exceder as nossas capacidades transformadoras imediatas. Na impossibilidade de determinar um processo de acção adequado, resta-nos tocar as trombetas do apocalipse. A frase de Nuno Bragança não pode deixar de lembrar o final da nona tese de Benjamin em “Sobre o conceito da História”, na qual o anjo da história olha para as ruínas do passado, enquanto um vendaval que sopra

do paraíso o leva, de costas, a caminho do futuro, que ele não pode ver (cf. Benjamin 2010: 13-14). Há uma vertente milenarista, messiânica, no anunciar do fim do mundo, um olhar para o fim a caminho do recomeço. Não é fácil passar-lhe ao lado, talvez não seja sequer interessante.

No contexto português, prestemos atenção à escrita de intervenção que o poeta José Miguel Silva tem mantido na *internet*, sob o acrónimo J.M.S. No seu mais recente blogue, *Achaques e Remoques*, onde dirige ao Portugal contemporâneo e ao capitalismo críticas muito contundentes, J.M.S. tem vindo a publicar sucessivos *posts* com argumentos de base científica sustentando que estamos na iminência de um apocalipse em virtude de sucessivos atentados ao equilíbrio ecológico. Leitor dos defensores de uma lógica de decrescimento, que claramente subscreve, José Miguel Silva não tem grandes ilusões acerca da incapacidade humana de controlar o monstro em que se tornou o ambicionado crescimento económico dos regimes capitalistas neo-liberais, com toda a sua corte de monstros associados. Em 2012, escrevia:

Que se pode mais dizer? Que pelo menos não nos podemos queixar, *homo sapiens* do presente, de termos nascido numa época monótona e sem nada para ver. Afinal, não é todos os milénios que se assiste ao fim do mundo. (Silva 2012a)

Estaríamos, portanto, a viver já o fim do mundo, ou a iminência dele, se bem que sem termos a exacta medida disso, e portanto em estado de cegueira. Mas podemos perceber melhor o que a expressão aqui significa se tivermos em conta que este anúncio surge no mesmo ano em que José Miguel Silva publica na revista *Cão Celeste* a reflexão que passo a citar:

A única circunstância que tornaria talvez possível o ressurgimento da cultura letrada e humanista seria uma catástrofe energética que nos fizesse voltar às velocidades romanescas do século XIX. Será essa a condição e o preço da sobrevivência da literatura, uma catastrophezinha de proporções bíblicas ou homéricas? Visto de 2012, dir-se-ia que sim. Se for esse o caso, porém, podemos estar optimistas, já que o apocalipse ecológico/económico parece irrevogável, convocado pelas trombetas duma ideologia assente na estúpida ilusão de “crescimento” infinito num planeta de recursos limitados.

Sendo estas as perspectivas, o futuro das letras, tal como o da espécie humana, só poderá ser pós-apocalíptico. Significa isto que um escritor dos nossos dias só pode apostar nos incertos leitores do século XXII. Até lá, a existência da literatura está simplesmente condenada a uma longa agonia. (Silva 2012: 48)

Como é claramente perceptível, José Miguel Silva anuncia o fim do mundo, mas sem excluir (embora com alguma ironia, é certo) um futuro pós-apocalíptico no qual ainda poderá valer a pena acreditar. Se houver ressurreição da literatura, agora ameaçada pela velocidade comunicacional do mundo contemporâneo, tal deverá acontecer após um século apocalíptico – o século XXI, este em que vivemos. Apesar de tudo, o século XXII poderá ser mais conforme a um desejo de literatura. E nesse caso, o fim do mundo não teria força suspensiva. E o ciclo dos acontecimentos poderia ser reiniciado. De certo modo, estaríamos sempre naquele vago equilíbrio que Manuel António Pina resumiu num título célebre: *Ainda Não É o Fim nem o Princípio do Mundo Calma É Apenas um pouco Tarde*. Ou seja, quando pensamos no fim do mundo, colocamo-nos antes de um fim que antecederia um início: “What we call the beginning is often the end/ And to make an end is to make a beginning./ The end is where we start from”, escreveu T. S. Eliot em “Little Gidding”, *Four Quartets* (2004: 90). Se “O fim é de onde nós partimos” (*idem*: 91), o que importa mais no fim do mundo é exactamente a possibilidade de recomeçar: “É que do Fim do Mundo vem um apelo ao juvenescimento”, como resume Nuno Bragança.

*

De certa forma, anunciar o fim do mundo tem como corolário desejar o princípio do mundo. De outro mundo. Talvez Lars von Trier seja uma excepção, pelo modo como termina o filme *Melancholia* (2011), condenando a Terra a um acidente fatal e sem remissão. Já Bela Tár parece menos assertivo quando, ao sexto dia, mergulha nas trevas o mundo de *O Cavalo de Turim*, pois o facto de dividir o filme em seis dias não pode deixar de nos fazer pensar num sétimo dia em que tudo possa afinal recomeçar.

Do que gostaríamos mesmo era podermos “reiniciar” sem para isso ter que passar pelo fim. Até porque o fim, o puro fim, seria obviamente inenarrável, impronunciável e inaudível, impossível de conjugar no passado. Já o fim do mundo é a interrupção que

antecede um possível reinício. A propósito do 25 de Abril, Sophia falou d’“O dia inicial inteiro e limpo”. É esse dia, tão difícil de prolongar no tempo, que sopra sempre do futuro. Como um apelo, um desejo de fim do mundo. Há uma entrevista em que, ainda antes de começar a responder às perguntas que lhe são feitas, Béla Tarr explica por que razão escolhe, para iniciar esta conversa sobre os seus filmes, as imagens de *Prologue*, o plano-sequência de cerca de cinco minutos com que participou na obra colectiva *Visions of Europe* (2004). Trata-se de um plano em que a câmara vai avançando lentamente e nos mostra as muitas pessoas que, em silêncio, esperam a sua vez numa distribuição de alimentos. Béla Tarr diz que fez preceder de *Prologue* a entrevista em causa porque tanto esse quanto os restantes trabalhos dos vinte e cinco realizadores de *Visions of Europe* são sobre a dignidade humana, assim nos sugerindo que essa é também a questão central na sua cinematografia.¹ E deste modo percebemos melhor por que razão a luz se extingue no final apocalíptico de *O Cavalo de Turim* (2011).

O fim do mundo é um pensamento, uma alegoria (não uma acção, ou *ainda não* uma acção), é um pensamento que apela à “interrupção do devir”, para recordar aqui uma ideia que Manuel Gusmão desenvolve a partir de Walter Benjamin e a propósito da narrativa de um outro fim do mundo: o de *Finisterra*, de Carlos de Oliveira. Lendo as teses de “Sobre o conceito da História”, de Benjamin, Gusmão sublinha que o tempo histórico “não é o tempo linear e contínuo, homogéneo e vazio, mas o tempo carregado do sentido do agora, que precisamente faz estoirar o tempo contínuo” (2009: 134). Esse tempo carregado é onde podemos vislumbrar “a interrupção do devir” (*ibidem*); ou seja, nos termos de Benjamin, é onde reconhecemos “o sinal de uma paragem messiânica do acontecer ou, por outras palavras, o sinal de uma oportunidade revolucionária na luta pelo passado reprimido” (2010: 19). E Benjamin acrescenta que o materialista histórico “aproveita essa oportunidade para forçar uma determinada época a sair do fluxo homogéneo da história” (*ibidem*).

Anunciar o fim do mundo é admitir esta possibilidade messiânica de o tempo e o espaço poderem estar fora dos gonzos; é vislumbrar uma interrupção criadora e libertadora. E também reveladora, capaz de mostrar o que estava latente. “In my end is my beginning”, escreve Eliot em *Four Quartets*. E Murilo Mendes, que dialoga directamente com Eliot em

“Murilograma a T.S. Eliot”, de *Convergência* (1970), escreve noutro poema de tema tão apocalíptico quanto genesíaco:²

1999

Estrelas em fragmentos rolarão sobre mim.
Retratos de belas dançarinas serão levados pelo vento
Até a cova rasa em que descanso.
Ninguém pode morrer, que a flor não deixa,
A sombra da árvore não deixa, a pedra e a cruz não deixam.

Tudo começa de novo e existe para sempre.
Eu amei todas e todas me amaram sem saber.
A semente de trigo deu a volta ao mundo
E se levanta em hóstia sobre minha alma seqüestrada.

Rio, murmura como no primeiro dia da criação,
Cometa, surge de novo me incorporando ao céu,
Operário, transmite no espaço o coro da humanidade.
Eis que venho sobre as nuvens.

Tocam-se o fim e o princípio:
FIAT LUX outra vez. (Mendes 1994: 328)

Bibliowebgrafia

- Benjamin, Walter (2010), “Sobre o conceito da História”, *O Anjo da História*, ed. e trad. de João Barrento, Lisboa, Assírio & Alvim: 9-20.
- Derrida, Jacques (1990), *Mémoires d’aveugle – L’autoportrait et autres ruines*, Paris, Réunion des Musées Nationaux.
- Eliot, T. S. (2004), *Quatro Quartetos*, ed. bilingue com trad. de Gualter Cunha, Lisboa, Relógio D’Água [1944].
- Freitas, Manuel de (2004), *Levadas*, 2ª ed., Lisboa, Assírio & Alvim [2002].
- (2012), *Cólofon*, Lisboa, Fahrenheit 451.
- Mendes, Murilo (1994), *As Metamorfoses, Poesia Completa e Prosa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar [1944].
- Oliveira, Carlos de (1945), “Condição da Arte”, *Diário de Coimbra*, XV, nº 5060, 19 de Maio: 2.
- (2004), *Casa na Duna*, Lisboa, Assírio & Alvim [1943].
- Silva, José Miguel (2012), “Divagações sobre o futuro da literatura numa era de ignorância programada e pré-apocalíptica”, *Cão Celeste*, nº 1, Abril: 45-48.
- (2012a) “Se chorar é inútil e faz rugas, cada vez há mais coisas que dão vontade de rir”, a 11/12/2012 por JMS <<https://eumeswill.wordpress.com/2012/12/11/se-chorar-e-inutil-e-faz-rugas-cada-vez-ha-mais-coisas-que-dao-vontade-de-rir/>> [consultado a 27 de Abril de 2015].
- Tarr, Béla (2004), *Prologue (5’24)*, *Visions of Europe* [25 curtas-metragens de 25 realizadores] (140’) <<https://www.youtube.com/watch?v=lkxBoGYu1-w>> [consultado a 27 de Abril de 2015]
- (2011), *O Cavalo de Turim*, 146’.
- Vieira da Silva, José Custódio (1996/1997), “Os túmulos de D. Pedro e de Dona Inês, em Alcobça”, *Portugália*, Nova Série, vol. XVII-XVIII, 269-276. <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3865.pdf> [consultado a 27 de Abril de 2015]

Rosa Maria Martelo é Professora Associada, com agregação, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde se doutorou, em Literatura Portuguesa, em 1996. Domínios de investigação: Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea, Poéticas dos Séculos XIX, XX e XXI, Literatura Comparada. Nos trabalhos mais recentes, tem privilegiado o estudo da poesia contemporânea e das relações inter-artísticas (poesia/cinema). Nestas mesmas áreas, tem orientado várias dissertações de mestrado e de doutoramento. Coordena com Paulo de Medeiros (Universidade de Warwick) a rede internacional LyraCompoetics, vocacionada para o estudo das poéticas modernas e contemporâneas. Algumas publicações: *Carlos de Oliveira e a Referência em Poesia* (Campo das Letras, 1998), *Em Parte Incerta. Estudos de Poesia Portuguesa Contemporânea* (Campo das Letras, 2004), *Vidro do mesmo Vidro – Tensões e deslocamentos na poesia portuguesa depois de 1961* (Campo das Letras, 2007), *A Forma Informe – Leituras de Poesia* (Assírio & Alvim, 2010 – Prémio Jacinto do Prado Coelho), *O Cinema da Poesia* (Documenta, 2012 – Prémio Eduardo Prado Coelho e Prémio PEN Clube). Organizou, com Joana Matos Frias e Luís Miguel Queirós, a antologia *Poemas com Cinema* (Assírio & Alvim 2010). Tem colaboração dispersa em várias publicações colectivas, nacionais e estrangeiras, e em diversas revistas (*Colóquio/Letras*, *Relâmpago*, *Diacrítica*, *Cadernos de Literatura Comparada*, *Abril*, *Tropelias*, entre outras)

NOTAS

¹ Cf. “Béla Tarr, Regis Dialogue with Howard Feinstein” (9.7’) <<https://www.youtube.com/watch?v=K104Srbj7h0>>

² Agradeço a Joana Matos Frias a referência a estes poemas, tão eloquentes.